

quotidiano

Nelson Malangabi

Uma outra opção ^{12/5}/₈₂

Um jornalista estrangeiro que acompanha a presente reunião da direcção do Partido com os comprometidos confessou-me:

—Em mais nenhum outro país é possível assistir a uma coisa semelhante!

Deixo de parte a tentação chauvinista de hastear simplesmente esta frase no topo desta crónica. Dedico-me a uma outra obrigação: a de tentar explicar esta impressão singu'ar causada no jornalista estrangeiro.

Em primeiro lugar, esta reunião representa um extraordinário exercício de democracia substituindo a administrativa instauração de processos. A reunião não realiza averiguação policial, não procede a um inventário de culpas. Os comprometidos falam «porque são parte integrante do povo moçambicano, porque devem contribuir para a sua própria libertação e dignificação» (cito palavras do Presidente Samora Machel).

Este jornalista tem a retina do seu pensamento adaptada ao convívio com certos mitos.

Ainda que fascinado pela riqueza da reunião ele não entende toda a sua importância. Não entende que, confrontados com problemas tão graves, dedique-

mos tanta importância a este processo. «O país avança», diz ele, se as estatísticas da economia assim o revelarem. Não compreende que é o Homem quem movimenta a fria realidade dos números, e que esse Homem é o território mais precioso no País que libertamos. E que desse território que é a consciência dos Homens há zonas ainda ocupadas pelo colonialismo.

Na realidade subjectiva da Nação moçambicana há zonas que não chegaram ainda ao 25 de Junho de 1975. Permanecem portugueses, estão agarradas à geografia do servilismo. Aí se concebe ainda o mundo dividido em duas partes: a dos patrões e dos moleques. Como no passado apenas a sua ambição tem passaporte para transitar entre estas duas fronteiras.

Para quem vive nesta obscuridade não é possível sentir ainda uma outra luz que nasce dos homens e da terra livre. Não há outra maneira de desamarar estas consciências que não seja a deste processo agora iniciado.

Não há dávida mas conquista de um pensamento novo que descobre nas mãos que ontem traíram força para se transformar e transformarem-se.

O colonialismo procurou nos comprometidos não mais que uma outra epiderme. No processo político que faz dos comprometidos compatriotas engajados na reconstrução nacional formam-se sujeitos apetrechados para se tornarem construtores da sua própria história, corpo do corpo de um país em revolução.